



IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM COMUNICANTES DE HANSENÍASE: Relato de Experiência

IMPORTANCE OF HEALTH EDUCATION IN COMMUNICATORS OF LEPROSY: EXPERIENCE REPORT

Janielle Tavares Alves¹, Brenda Emmily Lucena Matos da Costa², Alba Rejane Gomes de Moura Rodrigues³

¹Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. campus Cajazeiras-PB. Membro do grupo de pesquisa Laboratório de Tecnologias de Informação e Comunicação em Saúde UFCG CNPQ. E-mail: janielves30042014@gmail.com.

²Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. campus Cajazeiras-PB. E-mail: bre.costa02@gmail.com.

³Enfermeira Dra. em Pesquisa em Cirurgia FCMSC-SP, Membro do Grupo de Pesquisa Violência e Saúde UFCG CNPQ. Docente da Universidade Federal de Campina Grande -UFCG, campus Cajazeiras-PB. E-mail:rejanegomesmoura@gmail.com.

RESUMO: A hanseníase é uma doença crônica infectocontagiosa de origem milenar, causada por uma bactéria denominada bacilo de Hansen. O estudo teve como objetivo, analisar a importância da educação em saúde em comunicantes de hanseníase. Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, realizado por acadêmicas do nono período de enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras. Foram convidadas para a ação 12 comunicantes de hanseníase da comunidade, realizamos a discussão por meio de roda de conversa com a população, com isso foi possível sanar as dúvidas sobre o contágio da doença e incentivar a análise corporal e prevenção da hanseníase. A investigação de comunicantes é uma aliada no controle de casos de hanseníase, assim como em seus agravos. A partir do controle, a equipe de saúde poderá definir a melhor estratégia de manejo dessa rede de vigilância, contribuindo para o abandono de estigmas envolvidos na doença. Os comunicantes devem ser os perpetuadores da saúde, já que o diagnóstico de hanseníase não é uma sentença, mas sim uma oportunidade de promover o cuidado. A saúde precisa adentrar todos os espaços na comunidade, promovendo a superação de tabus, e perpetuando boas práticas.

Palavras-chave: Hanseníase. Busca de comunicante. Educação em saúde.

ABSTRACT: Leprosy is a chronic infectious disease of millenary origin, caused by a bacterium called Hansen's bacillus. The study aimed to analyze the importance of health education in leprosy contacts. This is a descriptive study of the experience report type, carried out by academics from the ninth period of nursing at the Federal University of Campina Grande, Cajazeiras campus. Twelve leprosy communicators from the community were invited to the action, we held the discussion through a conversation circle with the population, with this it was possible to resolve doubts about the contagion of the disease and encourage body analysis and prevention of leprosy. The investigation of contacts is an ally in the control of leprosy cases, as well as in its aggravations. From the control, the health team will be able to define the best management strategy for this surveillance network, contributing to the abandonment of stigmas involved in the disease. Communicators must be the perpetuators of health, since the diagnosis of leprosy is not a sentence, but an opportunity to promote care. Health needs to enter all spaces in the community, promoting the overcoming of taboos, and perpetuating good practices.

Keywords: Leprosy. Communicator search. Health education.

1. INTRODUÇÃO

A hanseníase conceitua-se como uma doença crônica infectocontagiosa de origem milenar, causada por uma bactéria denominada bacilo de Hansen. No Egito antigo há relatos descritos em papiros que a doença acomete a população desde 4.300 anos antes de cristo, no passado era tido como uma moléstia designada por Deus para os pecadores, desde então uma doença marcada por muito preconceito pela população (FREITAS, *et al.*, 2019; FERREIRA, 2019).

Atualmente, mesmo com a criação de políticas públicas e inúmeras campanhas para o tratamento da hanseníase, ainda é considerada uma das doenças de notificação compulsória mais negligenciadas no país. Foi registrado no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) 359.172 casos notificados de hanseníase no Brasil entre os anos de 2007 a 2017 afetando pessoas de todas as faixas etárias (SOUSA, *et al.* 2019).

A transmissão da hanseníase se dá por meio de convívio prolongado com a pessoa infectada que não realiza tratamento para a doença, ou faz o tratamento de forma incorreta, é importante que os comunicantes ou pessoas que convivem diretamente com o doente investiguem se já foram vacinados duas vezes pela vacina BCG, pois é uma forma de se prevenir contra a doença, além de analisar sempre o corpo em busca de manchas claras ou avermelhadas, observar a força ocular, examinar a mobilidade e sensibilidade de mãos, pés e dedos, entre outros (LOZANO, *et al.* 2019).

A hanseníase pode se apresentar em quatro formas clínicas, indeterminada e tuberculóide (paucibacilar) a qual o tratamento é mais curto pois há poucos bacilos, nessas formas a doença não costuma gerar incapacidades físicas pois é o início das manifestações clínicas da doença, se for diagnosticada tardiamente há maior chance de ter mais manchas e nervos afetados além de poder apresentar incapacidades, nesse caso podem ser classificadas como dimorfa ou virchowiana (multibacilar) muitos bacilos.

A maioria dos diagnósticos da hanseníase notificados classificam-se nas formas multibacilares, principalmente a dimorfa, o que leva a discussão sobre a procura tardia pelo tratamento, mesmo disponível gratuitamente na rede pública. Além do diagnóstico que é realizado na Unidade Básica de Saúde (UBS) pelo(a) enfermeiro(a) através do exame clínico e como complementar a baciloscopia positiva (CRUZ, *et al.* 2019).

Diante dos problemas associados a doença, como o diagnóstico tardio, incapacidades físicas de usuários acometidos pela hanseníase, observamos a necessidade de desenvolver esse trabalho educativo na comunidade adscrita sensibilizando e orientando às pessoas próximas e que convivem com pessoas infectadas pela hanseníase, pois acredita-se que avaliando essa população haverá um controle mais efetivo para evitar a disseminação da doença.

O estudo teve como objetivo, analisar a importância da educação em saúde em comunicantes de hanseníase.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, realizado por acadêmicas do nono período de enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus de Cajazeiras, em campo de estágio supervisionado pela enfermeira da UBS do município de Cajazeiras, a ação em saúde foi intervencionista através de uma visita domiciliar, realizada no dia 07/02/2022 com a equipe da UBS (Médico, Enfermeira, Estudantes e Agentes Comunitárias de Saúde).

Foram convidadas para a ação 12 comunicantes de hanseníase da comunidade, onde reunimos em um local aberto na residência de um dos comunicantes, a discussão foi por meio de roda de conversa com a população, utilizamos o auxílio de um banner ilustrativo disponível na UBS, durante o diálogo foi possível sanar as dúvidas sobre o contágio da doença e incentivar a análise corporal e prevenção da hanseníase.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mesmo sendo uma doença tratável de maneira eficaz e gratuita, curável e com o mecanismo de diagnóstico muito bem elucidado, a hanseníase persiste com uma doença endêmica, com um alto número de casos em nível mundial. Por conta disso, a Organização Mundial da Saúde (OMS), instituiu estratégias que visam a diminuição da incidência, como a detecção precoce, início imediato do tratamento e vigilância de contatos (OMS, 2020).

Os contatos de hanseníase são as pessoas do meio familiar ou social que tiveram contato de maneira próxima e contínua com pacientes com a doença já detectada. Atualmente, a vigilância de contatos preconiza que eles sejam monitorizados, devido ao risco de contágio pelo tempo de convívio e a necessidade de interrupção de novos casos. Esses contatos devem ser examinados, bem como orientados pela unidade de saúde responsável pelo diagnóstico do caso de referência, através da análise de sintomas e exame dermatoneurológico. Caso não haja

sintomas e possuam uma ou nenhuma cicatriz vacinal, os mesmos deverão ser vacinados com a vacina BCG e avaliados anualmente durante cinco anos (BRASIL, 2016).

Os contatos podem ser de origem domiciliar que são aquelas pessoas que moram ou moraram com o diagnosticado nos últimos cinco anos, sendo familiar ou não e de origem social que são pessoas que convivem ou conviveram socialmente com o diagnosticado em ambientes sociais como a escola, trabalho, vizinhança e etc. Ambos os tipos, se caso tenham tido um contato prolongado com o doente, devem ser orientados e monitorados. (BRASIL, 2017).

Durante a ação intervencionista com os contactantes de uma paciente recém diagnosticada com hanseníase, a fim de fazer a busca ativa de casos novos e promover educação em saúde, debatemos a temática com todos aqueles que haviam tido contato com a mesma. Através de linguagem acessível, esclarecemos a definição, forma de contágio, sintomas, tratamento e desmistificamos todos os falsos conceitos provenientes de uma doença tão estigmatizada. Demonstramos os principais sinais de alerta, analisamos os membros e incentivamos a vacinação com a vacina BCG, que mesmo não sendo específica para a hanseníase, auxilia na prevenção. Todos foram muito participativos, expressaram a importância daquele momento para transmitir o conhecimento e coibir preconceitos advindos da desinformação.

A investigação de comunicantes é uma aliada no controle de casos de hanseníase, assim como em seus agravos. A fim de interromper a rede de transmissão e impedir as consequências advindas de um diagnóstico tardio, essa estratégia objetiva o diagnóstico precoce dos contatos e sua conscientização perante a possibilidade de um diagnóstico futuro. A partir do controle, a equipe de saúde poderá definir a melhor estratégia de manejo dessa rede de vigilância, contribuindo para o abandono de estigmas envolvidos na doença (BRASIL, 2017).

Apesar de sua importância, muitas vezes a vigilância de contatos não é realizada da maneira adequada, pois muitos profissionais desconhecem sua importância, dando prioridade ao tratamento e cura de casos já diagnosticados, deixando de lado o controle de comunicantes, prejudicando a prevenção e identificação de novos doentes. Seja pela falta de monitoramento sistemática pelos gestores ou negligência de profissionais, a instituição da vigilância de contatos como prioridade secundária torna impossível o alcance das metas de eliminação da hanseníase, já que por muitas vezes o ciclo da doença entre os comunicantes continua intacto (NETO, *et al.*, 2013).

Devido à grande relação da hanseníase com as vulnerabilidades sociais, que incluem a pobreza e baixa escolaridade, o controle da doença e a vigilância epidemiológica podem ser prejudicadas. Principalmente nos pequenos centros, muitos comunicantes não sabem a definição da doença e nem a forma de identificá-la, mesmo com a solicitação não comparecem à unidade de saúde ou não entendem as orientações repassadas pelos profissionais. Além disso, muitos deles não são avaliados e grande parte dos profissionais não é capacitada para repassar as recomendações necessárias (LOZANO, *et al.* 2019).

A hanseníase provoca diversos danos em nível físico, mental e social, demandando a urgência em medidas de controle. Nossa ação demonstrou o quanto a educação em saúde através da vigilância dos comunicantes é importante, não restringida a uma consulta médica, mas através de ações que intensifiquem o valor da prevenção e o conhecimento da população. Os comunicantes devem ser os perpetuadores da saúde, já que o diagnóstico de hanseníase não é uma sentença, mas sim uma oportunidade de promover o cuidado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vigilância em comunicantes de hanseníase, atrelada à educação em saúde, é uma estratégia imprescindível para a diminuição dos casos da doença, já que a transmissão não acontece apenas de maneira intradomiciliar e a informação modifica realidades. A saúde precisa adentrar todos os espaços da comunidade, promovendo a superação de tabus, assim como a perpetuação de boas práticas.

É necessário rever as condições de vigilância, já que a falta de indicadores oficiais que demonstrem a quantidade e qualidade do controle de contatos prejudicam a demonstração da cobertura, assim como a interrupção da cadeia de transmissão. Os órgãos responsáveis devem planejar métodos mais integrados e resolutivos, a fim de fortalecer o controle da doença. Os profissionais de saúde precisam ser capacitados para que encarem a temática com prioridade e promovam ações em saúde desenvolvidas dentro e fora da unidade, para que o conhecimento seja repassado e este relevante problema de saúde pública, controlado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Diretrizes para vigilância, atenção e eliminação da Hanseníase como problema de saúde pública: manual técnico-operacional** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Guia prático sobre a hanseníase** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

CRUZ, G. G. *et al.*, ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DAS FORMAS CLÍNICAS DE HANSENÍASE: UM PANORAMA HISTÓRICO E ATUAL. **Revista Saúde Multidisciplinar** 2019.

FERREIRA, I. N. UM BREVE HISTÓRICO DA HANSENÍASE, **Revista Multidisciplinar**, 2019.

FREITAS, B. H. B. M. *et al.*, Oficina educativa com adolescentes sobre hanseníase: relato de experiência. *Rev. Bras. Enferm.* V. 72, n. 5, 2019.

LOZANO, A. W. *et al.*, O domicílio como importante fator de transmissão da hanseníase. **Rev enferm UFPE on line**. 2019.

NETO, J. M. P. *et al.*, Análise do controle dos contatos intradomiciliares de pessoas atingidas pela hanseníase no Brasil e no estado de São Paulo de 1991 a 2012. **Hansenologia Internationalis: hanseníase e outras doenças infecciosas**, v. 38, n. 1/2, p. 68-78, 30 nov. 2013.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Estratégia mundial de eliminação da lepra 2016-2020: acelerar a ação para um mundo sem lepra**. Genebra: Organização Mundial da Saúde; 2016.

SOUSA, F. C. A. *et al.* Perfil epidemiológico de doenças negligenciadas de notificação compulsória no Brasil com análise dos investimentos governamentais nessa área. *Research, Society and Development*, v. 9, n.1, 2019.